

ANA MAFALDA LEITE

Entrevistada por Maria Augusta Silva

[EM 1999, NA OCASIÃO DO LANÇAMENTO DO LIVRO "ROSAS DA CHINA"]

Um dizer poético pleno. Professora e poeta luso-moçambicana encantada por Florbela Espanca, Rilke, José Craveirinha. Diz-nos que «o amor é uma aprendizagem, assim como a paixão, e devem viver-se com o máximo de prazer e plenitude.»

Chama para o seu novo livro *Rosas da China* nomes como os de Rilke e Florbela Espanca. Interioridade e sensualidade?

Rilke, poeta da minha paixão. Fala do universo feminino e da sensualidade. Em Florbela existe, também, a sensualidade e a procura.

Sensualidade que leva Ana Mafalda Leite até Safo, poeta de antes de Cristo, transgressora que cantava o corpo?

O espírito vive com mais alegria quando o corpo é feliz.

Tem uma poética cheia de flores e luas, sem perda de estética. Retorno ao romantismo?

Um percurso próprio. Um fascínio pela natureza e pela estética que os sentidos proporcionam. Encanta-me a floração que existe em Florbela e encontrei, também, na poesia do Oriente.

O título deste livro pretende homenagear a poética oriental?

Passa por ele o imaginário de um Oriente que me chega sobretudo por meio da literatura, do cinema e, de certo modo, da vivência moçambicana. *Rosas da China* surge mais por aquilo que a palavra evoca. A minha ideia sobre as rosas da China é a de rosas enormes, com muitas folhas.

Rosas sem espinhos...

Bom seria que todas as rosas não tivessem espinhos.

Por que dá a poemas deste livro títulos que foram de Florbela: *Livro de Mágoas, Livro de Soror Saudade, Charneca em Flor*?

Uma forma de reler Florbela através do nosso tempo e de outros autores. Presto-lhe uma homenagem. Este meu livro procura de alguma maneira seguir um imaginário feminino e lírico. E considero Florbela Espanca a primeira grande voz feminina da lírica do nosso século.

Florbela mal entendida e pouco lida nas últimas décadas?

Muito lida. Talvez um pouco esquecida nos circuitos académicos. Não se pode ignorar essa figura-trave da nossa literatura.

O seu verso é lúdico, o de Florbela respira morte. Que empatia?

Será a minha forma de trazer Florbela para o universo da infância e do riso, onde o lado trágico se esbate.

Mulher também de paixões?

Sou uma pessoa apaixonada, mas procuro não ser trágica. O amor é uma aprendizagem, assim como a paixão, e devem viver-se com o máximo de prazer e plenitude. Todo o tempo deve ser tempo de amor – a grande energia da vida. A poesia é esse espaço lúdico. Creio que a primeira função da literatura será a de exorcizar esse lado da vida.

Busca a Inocência? Ainda joga à cabra-cega e ao berlinde?

Ainda não deixei de jogar.

Como joga, hoje, esses jogos?

Procurando o humor, a magia, a transfiguração, o lúdico na minha poesia. Tento também jogá-los na vida, mas nem sempre é possível.

Diz que «há para todas as mortes um tempo devido». Qual é o tempo para a morte?

Quando a magia acaba.

Por que traz igualmente a estes poemas o *Livro do Desassossego*?

Sinto a vida como um desassossego. O desassossego é fundamental à criatividade.

Escreve em tempo de emoções?

Prefiro escrever em período de calma, quando estou satisfeita.

Os momentos menos felizes são excluídos da sua escrita?

Estão presentes mas filtrados.

A poesia não sai de rompante?

Surge quase independente de mim. Depois, vou-a trabalhando, depurando.

Não emana do Eu?

É uma voz que está simultaneamente dentro e fora de mim. Quase me ultrapassa.

Que chuva cai dentro de si? (*A chuva corre-me toda por dentro...*)

Pode ser uma chuva de estrelas.

Poema *Vozes de Alice*: a voz mais íntima de Ana Mafalda Leite?

Alice representa o mundo onde tudo é possível, onde a perfeição reside na possibilidade da transformação contínua. Dir-se-ia o lado mágico, visionário, o dos sonhos. Alice, a infância e o adulto. Um diálogo, ainda, com Florbela, provavelmente com todo o ser humano.

Que incenso atravessa todos os seus jardins?

O do sonho com que tento respirar ao olhar as coisas.

Ainda sonha com fadas?

Passa por aí o universo da infância. Um universo onde os equilíbrios são mais perfeitos e onde a magia existe. As figuras femininas que percorrem os contos de fadas têm o seu encanto.

Mesmo as bruxas...

Até as bruxas!

Como se lembra o futuro?

Lembrando o desejo.

Um desejo?

Continuar a escrever muitos livros e viver muitos anos.

Aos 42 anos ainda é cedo para temer a velhice?

Não penso nela. A velhice, mesmo daqui a mais vinte anos, não será apenas um estado físico, há a juventude interior.

As pessoas idosas marginalizadas conseguirão essa juventude?

Será muito difícil.

Algum dia sonhou ser borboleta?

Gostava de voar.

Até onde?

Até à Lua.

Continua a olhar para a Lua e a brincar com ela?

Tenho pena de não a poder agarrar.

Tem-se dedicado às literaturas africanas, inclusive como professora universitária. José Craveirinha, Prémio Camões, é o seu poeta africano eleito?

Dediquei-lhe a minha primeira tese e grande parte da minha carreira académica centra-se no estudo das literaturas africanas. Tem sido, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre a poesia, sobre a literatura, sobre a cultura de uma terra que também é a minha, Moçambique. Até para entender melhor um percurso que fiz até aos vinte anos.

Moçambique continua a viver dentro de si?

Sempre. Nasci numa terra (Aveiro) e houve outra terra que me nasceu (cresci em Tete, a norte de Moçambique). Reivindico estes dois mundos. Há uma sensibilidade forjada nesta mistura afro-europeia, em que me sinto inteira. Com outros países africanos tenho igualmente uma relação afetiva, até pelo facto de trabalhar no domínio de estudos africanos (na Faculdade de Letras, em Lisboa). Em dados momentos, sou tomada, sem dúvida, por algum

ceticismo quanto à evolução de certos caminhos naqueles países. Mas acho que África é realmente um continente muito poderoso.

Já voltou a Moçambique?

Algumas vezes, conciliando férias, congressos, conferências e aulas. Desejava viver meio ano em Portugal e outro meio em Moçambique.

A literatura está a ser incentivada na cultura de uma África que desde sempre contou com uma forte criatividade literária? Ou vive-se num impasse?

Não me parece que se esteja. Houve uma geração de escritores que surgiu em finais dos anos oitenta e tem hoje nomes feitos, com diversas publicações, como Mia Couto, Eduardo White. Um conjunto de poetas e prosadores não muito significativo em termos numéricos, no entanto, marcante na qualidade. As conhecidas circunstâncias históricas, especialmente em Angola e Moçambique, agravaram as dificuldades na produção intelectual e artística. Mas damos-nos conta de que aparecem novas obras todos os anos em Angola e chegam de Moçambique muitos originais. Acredito que nos próximos anos aparecerá mais gente nova a escrever.

No seu *Rosas da China* há uma tendência para o verso alongado, mas surpreendentemente o leitor não se cansa, tal o ritmo das palavras. Inclinação para as cantigas de amor? Influência da oralidade africana?

É a tal voz que ouço dentro de mim e com ela escrevo. Admito que vou buscar muito desse ritmo e musicalidade à poesia africana que marcou a minha juventude. Há uma procura de lirismo cujas raízes se fundam numa grande simplicidade – ou numa aparente simplicidade.

Outros poetas que a tenham marcado?

Os da literatura medieval.

Gostaria de libertar-se do ensino e ser apenas poeta?

Sou professora há vinte anos e gosto de ensinar. Se tivesse, contudo, a possibilidade de viver só da escrita, seria muito bom. Acho difícil, em particular para um poeta. Mas... quem dera!

© *MARIA AUGUSTA SILVA*